

Notícias de Guimarães

Ano 15.º N.º 762

GUIMARÃES, 8 de Setembro - 1946

Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313

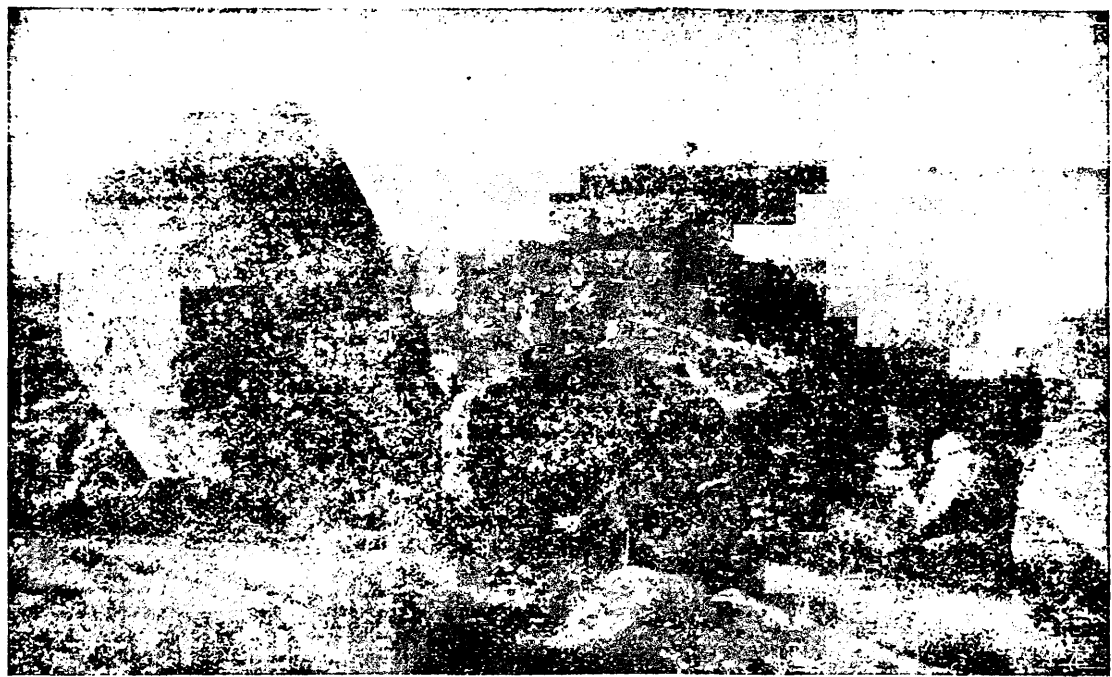
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177

Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Realiza-se hoje a Grande Peregrinação à Penha

A continuidade das FESTAS GUALTERIANAS



Efectua-se hoje a Peregrinação à Penha — grandiosa manifestação em louvor de Nossa Senhora, que uma vez mais nos vai afirmar os nobres sentimentos da nossa gente que não se cansará de cantar hosiânas à Excelsa Mãe de Deus e Mãe dos homens.

A' hora a que o nosso jornal circular pela cidade, vão já a caminho da Montanha muitas dezenas de milhar de pessoas, entoando cânticos e preces, implorando a protecção da Virgem, rendendo-lhe vassalagem.

Logo após a chegada da Peregrinação o Venerando Arcebispo Primaz, que a ela preside, procederá à solene Coroação de Nossa Senhora, após o que se seguirá a Missa Campal junto do novo Santuário Eucarístico, com alocução ao evangelho pelo Rev. João de Oliveira, muito digno e ilustrado Abade de S. Romão de Meão-Frio.

Haverá à tarde, pelas 16 horas, a recitação do Terço, concluindo a imponente romagem de fé dos vimaranenses com a bênção do SS.º Sacramento.

Como é já do conhecimento público haverá durante o dia de hoje, entre esta cidade e a Montanha da Penha, um bem organizado serviço de transportes em camionetes.

A Peregrinação começará a desfilarem pelas ruas da cidade

às 9 horas, e revestir-se-á de grande esplendor.

A Coroação de Nossa Senhora será feita após a chegada da Peregrinação ao Santuário, cantando-se o *Regina coeli* e o *Te-Deum*. Todos os actos serão presididos pelo Venerando Arcebispo Primaz, assistindo também a Câmara Municipal, representada pelo seu Presidente e demais Autoridades locais.

Momento impressionante vai ser esse em que todas as almas vibrando de entusiasmo, assistirão à solene Coroação da Virgem, acto que para sempre perdurará na memória dos milhares de peregrinos.

Não se extinguiram ainda os ecos da memorável festa de confraternização realizada no Hotel da Penha, no passado dia 29, para encerramento dos

Estrela de vidro

*Julguei-a de rubim
Julguei-a de oiro fino
Julguei-a de brilhantes.*

*E afinal,
nem cristal...*

*Era uma estrela vulgar
de vidro sem rubim,
de vidro sem oiro fino,
de vidro sem brilhantes.*

*A de rubim
não foi para mim!*

*A de oiro fino
... não era meu destino!*

*A de brilhantes,
nem agora nem dantes!*

*E' uma estrela
de vidro, a minha vida
descolorida.*

*— Mas... deixa ver:
o sol cabe todo dentro dela!*

E o sol que é?

E' o teu bemquerer!

AURORA JARDIM.

trabalhos respeitantes às Festas da Cidade, que este ano atingiram extraordinário brilho e como preparação para novos e arrojados empreendimentos tendentes a elevarem mais e mais o nome da nossa Terra.

Tudo quanto se passou nessa reunião, em que predominou o entusiasmo e o interesse pelo engrandecimento de Guimarães — uma manifestação baírrista a que raríssimas vezes nos tem sido dado assistir e que por isso mesmo deixou uma agradabilíssima impressão, aliada à consoladora certeza de que mais esplendorosas serão as próximas Festas — tudo quanto se passou, dizíamos, jamais poderá ser esquecido por todos aqueles que tiveram o prazer de tomar parte nessa *Assembleia Geral* de bons baírristas, que tantas vezes têm posto à prova o seu valor e o seu arreigado amor ao torrão natal.

Como prometemos, damos a seguir a nota dos nomes que, por sugestão do Sr. António José Pereira de Lima, promotor da interessantíssima Festa e Presidente de Honra das Festas, compõem as Comissões que hão-de, no futuro ano de 1947, realizar as Festas Gualterianas.

Não necessitamos de fazer quaisquer comentários acerca desse assunto, pois, como vimaranenses que só ambicionamos o progresso da nossa Terra, só temos que nos regozijar com a acertadíssima escolha feita, ao mesmo tempo que apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos às pessoas cuja presença foi solicitada, e muito bem, para ocuparem esses lugares onde por certo vão desenvolver uma acção tão notável que a cidade lhes ficará a dever mais um inapreciável serviço.

Comissão Executiva — Presidente, Comendador Alberto Pimenta Machado (em representação da Ex.ª Câmara Municipal); Vice-Presidente, José Mendes Ribeiro Júnior; Vogais: José Rodrigues Guimarães, Antero Silva, António José Pereira Rodrigues, Fernando Lage Jordão, Rodrigo Fernandes Abreu, Antonino Dias Pinto de Castro, Francisco Ribeiro de Castro, Francisco Ferreira de Oliveira, João Dias Pinto de Castro, Agostinho Dias Pinto de Castro, Alberto Laranjeiro dos Reis, Fernando

Setas, António de Sousa Lima, Américo Alves Ferreira, Luís Filipe Coelho, Benjamim Pereira dos Santos.

Comissão Auxiliar — Aníbal Dias Pereira, Amadeu Guimarães, Domingos Cosme, Manuel Cardoso do Vale.

Comissão da Marcha Gualteriana — José Luís de Pina, Presidente de Honra; Amadeu Guimarães, José Ramos Martins Fernandes, Camilo Laranjeiro dos Reis Matos, Benjamim de Castro Ferreira, Joaquim de Almeida Ferreira, Eduardo Eugénio.

Comissão Auxiliar do Concurso Pecudário — Capitão José Maria de Magalhães Couto, Dr. José da Conceição Gonçalves.

Comissão das Touradas — António Pimenta, Eduardo Torcato Ribeiro, Bráulio Teixeira Carneiro, Joaquim Laranjeiro dos Reis.

Organização da Festividade Religiosa — Dr. Adelino Ribeiro Jorge (em representação da Irmandade de S. Gualter).

Publicamos a seguir e na íntegra o brinde que fez, a quando do jantar de confraternização das Comissões das Festas de 1946 e em nome da Comissão Executiva, o seu digno Presidente Sr. José Mendes Ribeiro Júnior:

Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães;

Ex.º Sr. António José Pereira de Lima;

Meus Senhores:

Como presidente da Comissão Executiva das Festas Gualterianas, cabe-me a obrigação de, neste momento, dizer algumas palavras.

Dado que os meus dotes oratórios são nulos, vi-me forçado a redigir, ainda que à pressa, as referências que, aqui, desejava e me cumpria fazer.

Não foi, portanto, a presunção de querer dar às minhas palavras carácter de discursivo, mas, simplesmente, a preocupação de, podendo-me escapar qualquer referência, correr o risco de qualquer lapso involuntário, mas, mesmo assim, indesculpável.

Dito isto, cumpre-me, em primeiro lugar e em nome da Comissão a que tenho a honra de presidir, agradecer a V. Ex.ª, Sr. António José Pereira de Lima, a cativante gentileza que quis ter para conosco, oferecendo-nos, neste encantador retiro da nossa Terra, a honra da sua companhia e este magnífico jantar.

Visto que todos os presentes conhecem V. Ex.ª, nenhum se admirará de mais este gesto, a confirmar as suas qualidades de gentileza e hospitalidade.

Para nós, os da Comissão Executiva, este gesto de V. Ex.ª significa que, mais do que o pretexto de uma reunião de todos quantos colaboraram nas Festas, V. Ex.ª se encontra satisfeito com a forma como a Comissão se desempenhou do seu dever e isso muito nos satisfaz, porque, se tínhamos para com a cidade um compromisso de não deslustrar as tradições das Festas tínhamos, também,

GUIMARÃES O Pintor ABEL CARDOSO

aos olhos dos estranhos

Há vários anos que te não visitava, nobre e bela cidade de Guimarães. De Vizela, fui ver a Marcha Gualteriana de que os jornais e gentes me falavam com grande entusiasmo.

Vi e gostei. Foi para mim uma coisa completamente nova, original, cheia de movimento, de cor e de graça. Nessa noite, eu, que detesto as multidões, passei com calma e alegria pelo mar de gente que cobria as tuas ruas — que eu queria, de novo, ver à luz do dia. Satisfiz o meu desejo.

Voltei a entrar na tua estação dos caminhos de ferro — que, na sua pobreza e fealdade, em nada se coaduna com o teu nome glorioso e os quadros pitorescos, majestosos, ou de uma suavidade embaladora, que cferrecos de onde em onde.

Caminhei dentro de ti procurando, com os olhos e a alma, ver os atavios, as jóias, que a Natureza tão magnanimamente te deu, assim como tudo que os homens fizeram, e não fizeram, por ti.

As paisagens que te rodeiam, Guimarães, são, realmente, das mais belas e pujantes que o Criador dá à Terra. Dilatam-nos a alma e jamais nos cansam a vista. Olhando-as, com o coração, aberto pela sensibilidade, à altura dos olhos, não podemos deixar de nos sentir panteístas e querer ficar, para sempre, presos ao seu encanto e delas fazer parte integrante.

Quando aos teus célebres monumentos, belos museus e parte velha do teu ser — que tão eloquentemente nos falam — prenderam a minha atenção com igual vigor ainda que, claro, de modo bem diferente.

Os vestidos novos que te deram também me interessaram a valer — mas não tanto como os velhos que te dão, indubitavelmente, a característica muito especial que aumenta os louros da tua nevada cabeça.

Sim, os vestidos novos também me interessaram a valer — visto que são muitos necessários. Oxalá te dêem muito mais, de maneira que algumas habitações que vi, possam ser substituídas — para tua honra e alívio das pessoas que, como eu, detestam os antrós que nem para animais seriam recomendáveis. Não julgues, formosa Guimarães, que não notei o teu rubor e tristeza quando me viste obser-

var certas ruas e habitações de uma parte da tua grei. Compreendi o teu rubor, a tua tristeza, pelos baixos de que, afinal, não tens culpa. Tu coraste e eu empalideci...

Acaso não terias notado o meu empalidecimento e revolta quando desci aquele poço ao pé do teu imponente castelo, onde há outros poços idênticos?!

... A um canto, vi um monte de palha onde, por esmola, dorme uma pobre rapariga. Sacudida por uma vendaval interior, entrei na cozinha, térrea, de aspecto tenebroso, onde a chuva e o frio penetram, facilmente. Tudo tão negro e velho! Na verdade, senti-me no reino de Pitágoras...

A inquietina daquele poço primitivo (o qual ficaria bem no interessante Museu de Martins Sarmiento a fim de falar a gerações vindouras, realmente civilizadas), vendo a impressão dolorosa que tudo aquilo me causava, convidou-me, amavelmente, a entrar no outro compartimento da sua pobre habitação. «Esta sala, sim, é airosa» — disse ela, com vivacidade, e logo acrescentou num tom murcho: «Mas também aqui chove como na rua! E sabe quanto pago de aluguer? 50\$!»

Sorri para não chorar — e apressei-me a deixar aquele poço, de negros pedregulhos à vista, onde o fumo baila ao ritmo de uma triste canção composta pela miséria, injustiça e incuria! Cá fora, respirei bem fundo o ar tonificante que da serra vinha a jorros.

Nisto, em defesa dos teus serviços sociais que, pouco antes, me tinham garantido ser bons e em larga escala, disseram-me: «Já por aqui fizeram muitas casas para pobres — e mais se vão construir.»

Pensei um pouco e cheguei a uma conclusão: ou tu, Guimarães, tinhas muitos poços, muitos antrós, como aquele, senão piores ainda, ou não começaram a obra por onde deviam. Mas, repito, cidade amiga, não cores de vergonha!

A culpa não é tua — e, por isso, te continuo a olhar com respeito e amor pátrio, fazendo votos para que, na próxima vez que te visite, possa gritar com inteira convicção e entusiasmo: Ditosa terra que tais filhos tem!

VIZELA, 20-8-946.

Isaura Correia Santos.

«O Primeiro de Janeiro», na sua secção — das Letras e das Artes —, proporcionou aos seus leitores cinco minutos de conversa tida com o Pintor Abel Cardoso, que, na sua síntese, serviram à maravilha para realçar a forte compleição artística deste nosso querido amigo e vimaranense ilustre.

E porque muito o estimamos e admiramos — e reconhecemos o seu real valor no campo das Artes —, aprez-nos transcrever o que a seu respeito naquele grande diário se disse, não só usando do bom intuito de dar maior publicidade ao conceito que dele fazem os estrangeiros, mas também para arquivar em jornal local as afirmações do nosso Mestre paisagista.

Congratulatório a inserimos, apresentando os nossos sinceros cumprimentos ao melhor intérprete das belezas da nossa Terra.

Há no campo das Artes plásticas, duas correntes distintas: a dos que vivem presos ao prestígio da langui-

mente a sua alma. Traduz-a em tintas, em cor, na maneira como interpreta um fio de água que reluz, uma mancha de sol amarela num campo, um caminho ignorado de aldeia. E' um (Conclue na 4.ª página)



dez formalista e a daqueles que consideram a forma accidental recurso na laboração da obra de Arte — as que correm atrás da face exterior do objecto e as que buscam o valor intrínseco das coisas. Estas duas correntes são quase sinónimos de duas gerações — uma para lá e outra para cá dos últimos cinquenta anos. E' o resumo de uma palestra com um elemento do grupo mais antigo, o pintor e professor Abel Cardoso, que nos propusemos dar hoje aos nossos leitores. Trata-se dum artista que não deixou ficar o seu nome no anonimato da vulgaridade: firmou-o com o esforço dum trabalho intenso, durante quase setenta anos de vida, pintando centenas de quadros, na maior parte do seu adorado Minho.

De Abel Cardoso escreveu o seu amigo Raúl Brandão: «E' um elegiaco, um tímido, que desvenda inteira-

Esperança nossa

A' Presença da Ausente.

*Dedos entrelaçados,
dedos onde o ciume demora,
dedos como renda de alma
assim meu sonho bordaste...*

*Embragadoramente
sinto enleios, tentações, o sonho
a minha esperança toca.*

*Sinto teu cio eléctrico, divino,
meus dedos os teus dedos roçando,
o meu sonho o teu sonho
ansiado,
o meu remorso a minha saudade
buscando.*

*Lembro jardins, crepúsculos, o Tejo,
a maresia de Cesário, a esmeralda
de todos os anseios, o verde
de todas as esperanças.*

*Um a um em vão esperamos
ser dois!*

*Um a um em vão esperamos
ser três!*

*Mais além da ternura, mais
além dos corpos adormecidos,
a alma é apenas o esperar se-lo.*

*A alma é apenas a esperança
em dias que nunca chegam,
dias de prenes noites nascidos.*

*Dias em que o amanhecer
é o nosso sol, o sol de tudo,
o sol da esperança que não morre,
o sol do porvir que em nós nasceu.*

*Mãos dadas, onde o Paraíso?
Em que sítio, em que paisagem
a nossa adição se fundiu,
a nossa ambição se situa?*

*Em mim a esperança é um rio,
em ti a desesperança é a foz
onde o rio desagua.*

Antes a minha alma fosse tua!

CORREIA DA COSTA.

MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES

Sessão da Mesa de 6 de Setembro

Sob a presidência do Secretário, Sr. Manuel Alves de Oliveira, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Deferiu o requerimento da médica Sr.ª Dr.ª Edwiges de Azevedo Pereira Machado pedindo licença, para tratamento, desde 1 a 30 do mês corrente.

Tomou conhecimento da oferta, como legado, de 80.000\$00 feita pelo benfeitor Sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães em satisfação da vontade comum com sua falecida esposa D. Emília Rosa de Abreu Correia da Cunha, que a Mesa registou com muito reconhecimento, bem como o legado verbal de 2.500\$00 de D. Maria José da Mota Prego, entregue pelo Sr. Dr. Bonfim Martins de Macedo Gomes e Silva.

Foram tratados outros assuntos de interesse para a Santa Casa.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª, minha senhora, as melhores marcas de meias de seda natural, assim como a meia de vidro NYLON.

F A R P A S Sub-Secretário das Corporações

No fim da outra semana, Uma leiteira magana, Com o nome de Josefa, Que é filha dum Rosa E reside em Amorosa, Procede a vil tarefa.

Dum tanque com água suja A mixordeira sabuja Sem colocar mascarilha, Alguma água tirou E, com pó branco, juntou Ao leitinho da vasilha!

Depois do trabalho feito Bateu com graça e com jeito, A porta dum seu freguês. Mas a nojenta aldrabice E autêntica vigarice Não passou aquela vez!...

Na janela estava alguém A admirar, muito bem, A arte da mixordeira! Um escadas desceu E, de repente, apareceu A porcalhona leiteira.

A traficante cruel Parece que bebeu fel! Foi um valente canudo... Pois ouviu, em voz timbrada, Este elogio, de entrada: — SUA PORCA! EU VI TUDO!

São estas -almas danadas-, Ao vil metal agarradas, Agiotas, sem critério, Que mandam, diâriamente, Sem compaixão, muita gente Para o nosso Cemitério!

E a corja continua A andar à solta, na rua, A brincar com a saúde!... E não fica arrependida Ao ver gentinha estendida Em triste e negro atafide!

Darmoa.

No MEU CANTINHO

Os propósitos firmes também quebram. Tencionava dar sulto esta semana. Mas o ensejo e o vício não consentem.

Numa das cinco amáveis casas aonde tive de ir para saber pela Rádio a marcha do meu Internacional, tive a informação de que a Stella, Revista elegante de Fátima, era digna de me entrar na bolsa. E' mensal e leva só 25 escudos por ano.

Recebi Janeiro e Agosto. Gostei.

No fascículo de Julho aqueci deliciosamente ao ver nas Horas Pequenas uma empolgante descrição do meu Gerês.

Clarisse de Miranda revelou-me esplendidamente a ignorância minha da terra que me deu o berço.

Se em toda a revista encontrarei lindas notas, aquela entrou-me fundo no coração e até me recordou o meu Tude de Sousa e o eminente Antero de Figueiredo.

Que pedaço de ler tão delizioso!

Um segredo divulgado. O nosso incansável Elísio, nos seus anseios de Poeta, sonha cantar Fátima.

Se visse na Stella de Agosto o soneto de Cândida Ribeiro, ficaria com justa inveja à Poetisa.

Quarta-feira, dia 4. Miranda de Andrade, com o seu fundo no «Correio do Minho» de ontem homenageou belamente, belissimamente, Esposende e desculpou caridosamente Raul Brandão.

Literato e jornalista de mão cheia!

Também me deleitei com o «Diário do Minho» de ontem lendo a alocação do novo Pároco de Freixo.

Há nessa alocação muito valor!

Da última Renascença que direi?

Um relance a fugir já me encantou.

E o nosso Gualberto já zangado?...

6.

Uma lembrança oportuna

A propósito das muitas placas de sinalização automobilística que a cidade agora possui, lembram nos a conveniência de, a exemplo do que se verifica noutras terras, ser colocado, no Largo Prior do Crato, em frente às escadinhas, um resguardo que obste a que os peões, que as descem em correria, atravessassem descuidadamente a rua, o que obriga os automobilistas que por ali passam a usar de toda a prudência, pois, por mais de uma vez já, têm estado iminentes graves desastres.

Como concordamos com a lembrança, aqui a deixamos arquivada, crentes de que quem de direito a tomará na devida consideração.

VITÓRIA SPORT CLUB

Na sede deste Club aceitam-se até ao dia 12 do corrente, propostas para o arrendamento dos bufetes e exclusivo da venda de frutas no Campo da Amorosa.

DR. ALVARO CARVALHO
MÉDICO DENTISTA

Ausente até fins de Setembro

Apesar da falta de certos artigos, a CASA LARANJEIRO prima pelo seu incomparável sortido.

Visite pois a Casa Larangeiro.

Rosas e Espinhos! DO MEU CANHENHO

Trinta e nove anos depois

Querida Amiga: Não ignorava algumas das contradições da tua vida, mas longe de mim estava a suposição de que fossem tantas como as que mencionas na tua última cartinha. De facto, não eras digna de tantas consumições, visto que és uma pessoa que tens concorrido, tanto quanto possível, para deixares alguma coisa de útil na tua passagem por este mundo. E' certo que as ilusões e as surpresas perseguem, muitas vezes, as pessoas que fazem parte da boa sociedade e deixam em paz aquelas que vegetam em campo contrário. Diz o nosso povo, referindo-se à bondade e à maldade, que o facto de uma pessoa ser boa não quer dizer que a mesma seja feliz, porque Deus sujeita, neste mundo, os bons a vários revezes, afim de os glorificar no mundo da eternidade e que, quanto aos outros, não sucede o mesmo. Por mim, não conteste esse raciocínio, mas o que é verdade, é que só uma creança e uma fé muito fortes poderão evitar o desespero, em certos casos. No entanto, quanto a ti, não há, felizmente, motivo para desesperares e, portanto, não percas a tua habitual paciência nem abandones a boa companhia da resignação. Procura distrair o teu espírito e não concentres nele a falta de esperança na justiça divina. Tens ouvido dizer que «Deus cose direito com linhas tortas» e isso quer significar que Ele, que tudo pode, não deixará de te compensar de qualquer forma. Entretanto, minha querida Amiga M. E., retémpera as tuas forças e a tua coragem com os olhos num futuro de melhores dias e segue o exemplo de uma outra minha amiga, de quem há dias, recebi uma carta, onde, entre outras cousas, me dizia o seguinte: «Para espalhar melancolias e tristezas, não há nada melhor do que passar algum tempo num sítio onde tudo isso se esquece. Foi o que eu fiz, ainda há pouco tempo, na companhia de outra amiga muito íntima. Mudámos de meio e de ambiente durante algumas horas e fomos tão felizes que encontramos aqui que desejávamos. Nesse lugar, onde só o chilrear dos passarinhos e o murmúrio de águas correntes interrompiam o silêncio, ali permanecemos até à hora do nosso regresso. Junto de uma presa de rústico granítico, e depois de nos vermos livres do pó que se tinha acumulado nos nossos vestidos, pois para isso teve a minha amiga a genial ideia de levar uma escova com ela, conversamos sobre assuntos diversos e recordamos, com grande saudade, a falta de algumas amigas que a morte já nos roubou. Nos nossos corações, tão cheios de amargurado sofrimento, nós sentimos o palpitar da nossa felicidade, como que vinda do Céu, do qual nos encontrávamos mais perto, atendendo à altitude a que estávamos. O dia, com as suas variantes de sombrias nuvens e de alegres e fagueiros raios solares, convidava-nos a disfrutar o panorama de um longo e pitoresco horizonte, enquanto, por outro lado, o relógio de um campari próximo anunciava o movimento dos seus ponteiros e ao mesmo tempo o sinal para a hora de partida, uma vez que ínhamos de regressar a nossa casa. Essa hora chegou e, então, depois de tantas saudades criadas e de tantas recordações arquivadas no coração de cada uma, fomos obrigadas a deixar para nova oportunidade a continuação da nossa distração». Assim me falou a amiga em referência, razão por que tu deves procurar aliviar os teus aborrecimentos pelo mesmo processo. A vida tem de ser encarada ao sabor do seu paladar, o mesmo que dizer de harmonia com as suas alternativas. Pensa bem nisso, boa amiga, e depois me dirás se sim ou não tenho razão. Adeus.

Beija-te e abraça-te a
Tua muito dedicada
4/9/1946.
Maria Margarida.

Ranchos diversos vinham, àquela hora matutina, de encontro ao nosso. A avalanche dos romeiros é já contagiada, a pontos dos incólas, que por ali vegetavam, se revestiram das suas palhoças de colmo, ao verem nos passar, alegres e descuidados, por certo nos tomaram como habitantes de outro Mundo bem diferente do seu...

Erão dez horas da manhã quando atingimos os escadórios do Mosteiro, por sinal a imitar os do Bom Jesus de Braga, com as suas características capelas e tudo... No alto, sob uma ravina agreste, assenta o Mosteiro, tendo, à direita, a casa da Mesa e, à esquerda, um pequeno hotel. Um mar de gente rodeava todo o vastíssimo adro que os circunda. A língua espanhola, de mistura com a nossa, traz-nos à mente a bíblica Torre de Babel.

Tinhamos necessidade de descanso. Um dos nossos companheiros já tinha conseguido «quartel», para todos. Havia quem se lembrasse de voltar, novamente, aos farnéis, mas a grande maioria optou por entregar-se aos braços de Morfeu, ainda que sobre abundantes feixes de palha ceiteia.

Pela tarde, fomos fazer romaria e cumprir as promessas. Todos deviam, afinal. Minha mãe, pelo que o leitor já sabe; esta, porque esteve a morrer do último parto; aquele, porque ficou livre nas «sortes»; est'outra, porque queria ser feliz no casamento... As espanholas iam mais além que as portuguesas. Quantas eu por ali vi, amortalhadas, deitadas dentro de autênticos esquifes, darem três voltas ao templo, acompanhadas duma banda de música!

No final, pela noite dentro, desfor-

para com V. Ex.ª um compromisso: o de o termos como Presidente de Honra.

E' com imensa satisfação que reconhecemos não o termos desgostado e é com muito reconhecimento que lhe agradecemos mais esta prova da sua boa amizade e imerecida atenção.

A' volta das Festas Qualterianas, parece-me oportuno fazer certas considerações que outra intenção não têm que não seja a de prestar, a par de alguns esclarecimentos, a justa homenagem devida àqueles que mais se distinguiram nos preparativos da sua realização.

Há, como V. Ex.ª sabem, algumas opiniões contrárias à realização das Festas Qualterianas e todas (poucas, ou muitas, não interessa) se fundamentam no argumento de que o tempo não vai para Festas.

Se bem que eu não seja, por temperamento pessoal, muito dado a festas, parece-me que, tratando-se das Festas da Cidade (que outra coisa não são as Festas Qualterianas) tal argumento se não justifica, nem pode ser aceite, visto que, se os tempos vão difíceis, nem são as Festas da Cidade que causam as dificuldades existentes, nem, tampouco, as agravam. Além disso, trata-se de, a exemplo do que fazem as outras terras do país, manter uma tradição que, todos os anos, traz à nossa Terra, milhares de forasteiros, que ficam sendo outros tantos milhares de admiradores e propagandistas da nossa Terra e das nossas Festas.

De resto, nada adiantaria a cidade de Guimarães, abandonando a realização das suas Festas tradicionais e por-se a chorar tristezas.

Parece-me, pois, que a maior parte dos vimaranenses estará de acordo em que a realização das Festas da sua Terra se terá e deverá repetir, enquanto for possível.

Não faltará, para garantir a sua realização, quem se disponha a trabalhar e quem se disponha a prestar-lhe o seu auxílio.

Tendo, pela primeira vez, tomado parte na sua realização, pude verificá-lo, e uma vez que eu mais não fiz (na realidade e quanto ao trabalho) do que ser, digamos, um segundo presidente honorário, creio que ninguém, melhor do que eu, poderá ter avaliado o esforço, a tenacidade, a boa vontade e o indiscutível bairrismo, de que, permanentemente, deram provas os restantes componentes da Comissão a que tive a honra de presidir.

Com gente assim, não custa, de facto, assumir a responsabilidade de ser presidente, visto que, sem trabalho, sem conselhos e sem preocupações, se fica, antecipadamente, certo do bom êxito da empresa e das honras do lugar.

Ora, é necessário que as honras que me são dirigidas, como presidente da Comissão Executiva, vão, inteiramente, para as pessoas a quem elas são devidas, por justíssimo merecimento.

Elas vão, portanto, para os restantes membros da Comissão, porque, só a eles pertencem e, estou certo, de que todos eles concordarão comigo em que se destaque o nome do Sr. Rodrigo de Abreu, porque ele foi, indiscutivelmente, aquele que, incansavelmente, se dedicou às Festas, com inteiro prejuízo dos seus interesses profissionais, das suas comodidades e, até, do seu indispensável descanso.

Quem teve ocasião de ver a precioso e a oportunidade das suas ordens de serviço (chamemos-lhe assim), dos seus orçamentos, dos seus cálculos e

de todas as suas indicações, verificou que nada lhe escapava e que as Festas não poderiam, sem a sua colaboração, ter atingido o brilhantismo constatado, porque, muitos pormenores nos teriam esquecido e algumas coisas, mesmo, se não teriam feito.

Como presidente da Comissão Executiva, eu tinha de cumprir, para comigo, Sr. Rodrigo de Abreu, este gratíssimo dever, certo de que, nenhum dos outros elementos (cada qual valiosíssimo no cargo e nos serviços que lhes foram distribuídos), verá, nesta minha referência especial à sua pessoa, a menor intenção de diminuir o valor que todos, com o seu magnífico auxílio, emprestaram à realização das Festas e à minha pessoa.

Seria indesculpável que eu não fizesse uma referência, ainda que breve, mas de muita gratidão, a todos aqueles que concorreram, monetariamente, para as Festas da Cidade, recebendo a Comissão com tanta franqueza e hospitalidade, que nos deixaram a certeza de que as Festas Qualterianas nunca deixarão de realizar-se por falta de auxílio dos vimaranenses.

Sem pôr em destaque este ou aquele subscritor, uma ou outra freguesia do concelho, há necessidade de fazer justiça, esclarecendo que as Festas da Cidade se devem a todo o concelho, visto que, sem os donativos que de certas freguesias recebemos, nunca teria sido possível pensar-se, sequer, num orçamento que se aproximasse do que foi o das festas deste ano, apesar de a Câmara ter cleavado para o dobro o seu donativo anterior, facto que é muito de reconhecer e agradecer e que se deve ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara e, por isso, eu aproveito esta oportunidade para testemunhar, publicamente, a V. Ex.ª o reconhecimento e o agradecimento da Comissão Executiva.

Para completar as minhas considerações, falta-me fazer duas referências e pôr em relevo:

A Comissão da Marcha Qualteriana e a Comissão das Touradas.

Sem a colaboração destas Comissões, as Festas Qualterianas teriam ficado muito à quem do que foi possível fazer-se.

A Comissão da Marcha deve-se o número principal e original das Festas da Cidade e que atraiu a Guimarães aquele mar de gente que inundou a cidade na noite de segunda-feira.

Não é a mim que compete pôr em destaque os realizadores da Marcha Qualteriana.

Mas, se me é permitido (e do que sei) além do Grande Artista e Mestre José de Pina (sem o qual a Marcha nunca teria tido realização), e que apesar da sua idade e, infelizmente, da sua pouca saúde, foi incansável para que a Marcha não deixasse de ter o seu apoio paternal e a sua direcção artística, penso que não exorbitarei se puser em destaque o nome do Sr. Alberto Larangeiro dos Reis, cujo valor e trabalho, julgo resumir, com justiça, classificando-o como o Rodrigo de Abreu, da Marcha Qualteriana.

A Comissão das Touradas apresentou aos visitantes e aficionados duas magníficas corridas, uma das quais julgo que não poderá ser ultrapassada em qualquer Praça do país.

Os esforços que, para isso, dispenderam, devem ficar registados como dos que mais contribuíram para o brilhantismo das Festas e para o bom nome de Guimarães.

Antes de terminar, não posso deixar de testemunhar o agradecimento e os parabéns da Comissão ao Sr.

Na penúltima sexta feira, vindo de Braga e tendo visitado as Taipas, esteve, nesta cidade, o Sr. Sub-Secretário das Corporações, Dr. António Júlio de Castro Fernandes, que vinha acompanhado pelo Sr. Dr. Henrique da Veiga de Macedo, Delegado do I. N. T. P.; engenheiro Sampaio e Melo, Dr. Fernando Nogueira, arquitecto José Gomes Bastos e outras entidades.

Acompanhado destas entidades e do Presidente da Câmara, Dr. Castro Gonçalves, visitou os locais e terrenos onde devem ser construídos edifícios para postos clínicos para beneficiários das instituições de previdência.

Provisoriamente, o posto clínico, nesta cidade, ficará a funcionar no edifício do Sindicato Têxtil.

O Sr. Presidente da Câmara, combinará, com o urbanista, o local e terreno onde deve ser construído tal edifício. Daqui seguiu a comitiva para Vizela, onde foi já escolhido o local para o posto que ali deve ser construído.

Teatro Jordão

Pede-nos a Empresa do Teatro Jordão para prevenir que, em virtude de contínuas reclamações, resolveu, a partir de 1 de Outubro próximo, acabar com os chamados lugares permanentes na sua casa de espectáculos, aceitando, porém, assinaturas mensais, dando nisto preferência aos Srs. Espectadores que ocupavam os referidos lugares permanentes. Para tal, deverão os mesmos fazer a requisição dos respectivos cartões de 10 a 20 do corrente mês, pois, passado que seja esse prazo e até ao dia 26, serão marcados os lugares indistintamente a quem o desejar.

Para um bom fato, é necessário uma boa camisa... 226 GIRA é a camisa que lhe serve. Exclusivo da Casa Larangeiro.

António de Sousa Lima, como Autor do cartaz anunciador das Festas. Esse cartaz foi a guarda avançada que contribuiu para o êxito das nossas Festas.

Os seus magníficos desenhos de Artista ficaram confirmados nesse cartaz e ao seu bairrismo (porque outro interesse lhe não trouxe) ficamos nós e a cidade devendo algumas horas de trabalho e de canseiras.

Aproveito esta referência para pôr em destaque ainda o brilhantíssimo concurso que emprestou, também, à Marcha, com o lindíssimo carro que apresentou, conseguido à custa do seu talento, do seu trabalho e do seu dinheiro.

Ao Ex.º Sr. Capitão Magalhães Couto e Ilustre Presidente do G.º ênio da Lavoura de Guimarães, deve a cidade e a Comissão a realização completa das Feiras e do Concurso Pecuário, que preencheram, completamente e brilhantemente, o primeiro dia das Festas.

Resta-nos apresentar os agradecimentos da Comissão à Imprensa, em geral, mas, em especial, à Imprensa do Porto, pela forma como os Ex.ºs Directores dos três principais Diários se dignaram receber-nos e acolher o nosso pedido de fazerem o reclame das nossas Festas, de que os seus digníssimos representantes em Guimarães se encarregaram, pondo nisto todo o seu empenho de bons bairristas.

A Imprensa local, por tudo quanto fez, em favor das Festas da Cidade, com manifesto prejuízo dos seus interesses materiais.

A's Ex.ºs Autoridades (aqui muito dignamente representadas pelo Ex.º Comandante da G. N. R. e Comandante Militar) que se dignaram prestar-nos a sua amável e indispensável colaboração, ficamos devendo, também, um inestimável préstimo.

Creio ter chegado ao fim do meu dever, sem ter cometido qualquer lapso. Foi essa, pelo menos, a minha preocupação, mas, se, por fatalidade, assim não suceder, não faltará tempo para reparar qualquer falta a quem não falta vontade de ser justo.

Levanto a minha taça para brindar: Por V. Ex.ª, Sr. Presidente da Câmara;

Pela saúde e longa vida de V. Ex.ª; Sr. António José Pereira de Lima; Por todos os Presentes e Por Guimarães.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 5, o nosso bom amigo e conceituado comerciante sr. Alberto José Fernandes; no dia 11, a sr.^a D. Ermelinda Angélica de Freitas, veneranda mãe dos nossos queridos amigos srs. Dr. Eduardo de Almeida e Jerônimo de Almeida; no dia 12, a sr.^a D. Georgina de Barros Silva, esposa do nosso prezado amigo sr. Alvaro Martins Leite e D. Regina Guise, esposa do nosso prezado conterrâneo e amigo sr. J. Severo de Sousa Guise; no dia 13, a sr.^a D. Joana Viamonte da Silveira Lobo Machado e o nosso prezado amigo sr. José Maria Félix Pereira; no dia 14, Mademoiselle Maria Eduarda Dias de Castro Fernandes, filha do nosso prezado amigo sr. João Mendes Fernandes e o nosso prezado amigo e conceituado comerciante português sr. Francisco Alberto da Costa; no dia 15, o sr. João Carlos Vieira de Andrade.

A todas as senhoras e cavalheiros apresenta "Notícias de Guimarães", os seus melhores cumprimentos de felicitações.

Passa hoje o aniversário natalício do menino José Jorge, filhinho do nosso solícito correspondente em Vizela, sr. José Luis de Almeida. Desejamos-lhe longa vida.

Dr. Luis de Pina

De visita a sua família, esteve nesta cidade o ilustre Presidente da Câmara Municipal do Porto e nosso bom amigo Sr. Dr. Luis de Pina.

Partidas e chegadas

Partiu, com sua família, para as suas propriedades de Gomide (Pico de Regalados), o nosso querido amigo e ilustre Provedor da Misericórdia, sr. Mário de Sousa Menezes.

— Regressaram, com suas famílias, da Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. Gualdino Pereira, José Maria Pacheco Rodrigues, José de Abreu Guimarães, Manuel da Costa, José Maria Félix Pereira, António Teixeira de Oliveira, José Maria Pacheco Rodrigues, António Pádua da Cunha Monteiro e Manuel da Costa.

— Regressou da mesma Praia, com sua esposa, o sr. Capitão João Gomes de Abreu Lima.

— Regressou, também, da Póvoa de

Como subtil película, o Pó de Arroz «MARLICE» favorece os naturais encantos da mulher.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.^a o Pó de Arroz «MARLICE».

raram-se de tais penitências, bailando e cantando até ao dia, ao som dos ferrinhos, castanholas e gaitas-de-fole... O fogo não cessa de estoirar no espaço, dando a policromia dos potentes foguetes, aspectos estranhos a todos aqueles imensos fraguedos, que nos incomodam e acabrunham. Uma força de Infantaria n.º 8, de Braga, policiava o arraial, que decorreria cheio de calma, durante todos os dias que por lá estanciamos. As iluminações eram simples, ainda que vistosas.

Depois de bem apreciarmos toda a romaria e de nos prepararmos para o regresso, descansando, mais uma vez, na tarde de sexta-feira, pusemo-nos em marcha, desta vez com tenções de dormir em Soajo, onde havia também gente conhecida dosromeiros limianos. Passámos por Santo Adrião, Várzea e Paradelá, até que, perto da noite, chegámos àquela importante povoação, que havia sido comarca, noutros tempos, como o atestam as casas do tribunal e da cadeia. Por sorte, não foi nesta mas naquela, que passámos a noite, ao som dum maldito harmónio, que, no largo fronteiro, gemera toda a santa noite, para dar ensejo a que diversos pares dançassem e cantassem até ao dia...

Dado o sinal de partida, depois de preparados os estomagos para a jornada derradeira, não foi sem custo que demandamos Ermelo, Entre-os-Rios e Ponte da Barca, sob uma torreira verdadeiramente tropical, que só terminou, ao recolhermos os nossos desengonçados corpos, sob os tejadilhos e as cortinas dos dois trens, que ali nos esperavam, desde o meio dia. Pelas três horas da tarde, estávamos em Ponte de Lima. Minha mãe contava aos da casa os sucessos da viagem, enquanto que eu me dirigia ao rio Lima, a tomar um banho prolongado, que me libertasse do poeira e suores de cinco dias, que me não davam vontade nenhuma de, novamente, escalar a Serra da Peneda, nestes quarenta anos mais chegados...

Todavia, ao dobrar-se mais um aniversário, sobre a minha primeira e última jornada à Romaria da Peneda, não é sem uma certa emoção que eu invoco esses para mim já tão longínquos tempos, que, no dizer de Junqueiro,

"... são tempos de outrora, Tempos que passam e não voltam mais; Quando a gente vai a rir, pela existência fora, Alegres, como em Julho, um bando de pardais..."

Porto, 1-9-94.

António José de Oliveira.

Varzim, o nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa.

— Partiram para a mesma Praia, com suas famílias, os nossos bons amigos srs. António de Sousa Lima, Sebastião Mendes, Eduardo Lage Jordão, Luis Mendes Lopes Cardoso, José Mendes Ribeiro Júnior e João Teixeira de Aguiar.

— Também tem estado a veranejar na mesma Praia o nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes.

— Regressou do Porto o nosso bom amigo sr. António Alves de Almeida.

— Partiu para Espinho, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. João Dias Pinto de Castro.

— Partiu para as suas propriedades de Pencilo a sr.^a D. Maria de Lourdes Geraldo.

— Partiu para o Gerez, para tratamento, a sr.^a D. Júlia Lage Jordão.

— Encontram-se a veranejar em Vizela, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Prof. António José de Oliveira, do Porto e Guilherme Pinto, de Castelo da Maia.

— Regressou do Gerez, com sua família, o nosso querido amigo sr. António José Pereira de Lima.

— Partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. Fleutério e José Ramos Martins Fernandes e as famílias dos nossos bons amigos srs. António Pimenta, José Ramos Camisão e Joaquim António da Cunha Machado.

— Regressou da mesma Praia a família do nosso bom amigo sr. Alvaro Alves Pinto.

— Partiu para as suas propriedades de Nespereira, com sua família, o nosso bom amigo sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

— Regressou de Monção, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. Armando Umberto Gonçalves.

— Regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. P.º Domingos da Silva Gonçalves.

Casamento

Na igreja paroquial de S. Nicolau, da cidade do Porto, consorciaram-se, no passado dia 1, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Domingos da Rocha Teixeira, activo empregado comercial, filho do nosso prezado amigo sr. Luis Maria Filipe Teixeira e de sua esposa a sr.^a D. Conceição da Rocha Teixeira, e a gentil menina Maria Amélia Ferraz, filha do nosso prezado amigo e conceituado industrial da cidade do Porto, sr. Manuel Ferraz e de sua esposa a sr.^a D. Maria de Lourdes Ferraz, tendo assistido ao religioso acto muitas senhoras e cavalheiros das relações dos noivos e de suas famílias, tendo sido servido, na casa dos pais da noiva, após a cerimónia, um primoroso copo de água, que deu ensejo à troca de muitos brindes.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

MARLICE - NOSEL - VION - CARÚ São perfumes de grande classe. Há venda na Casa Larangeiro.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.^a, minha senhora grande sortido em produtos de beleza.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

João Aires Pita Teles de Melo Menezes e Castro

Na sua residência, à Rua de Camões, desta cidade, e confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se, após cruciantes sofrimentos e na esperança idade de 17 anos, o aluno do 4.º ano do Liceu de Martins Sarmiento, desta cidade, Sr. João Aires Pita Teles de Melo Menezes e Castro, filho do Sr. Dr. João Teles de Melo Menezes e Castro, notário de Ponta do Sol, Ilha da Madeira, e de sua esposa a sr.^a D. Maria da Conceição Barros Pita de Melo e Castro e neto do nosso prezado amigo e antigo Conservador do Registo Predial nesta Comarca Sr. Dr. Teodoro Teixeira Pita.

O seu funeral, que registou numerosa e selecta assistência, realizou-se na sexta-feira na paroquial de S. Sebastião, tendo sido o cadáver removido em seguida para o Cemitério de Atouguia.

O cadáver achava-se encerrado em luxuosa urna de mogno coberto com a bandeira da Academia e rodeada de muitos bouquets de formosas flores naturais, com sentidas dedicatórias da família e de pessoas amigas.

Entre a numerosa assistência vimos: Arcipreste de Guimarães, professores do Liceu, Vice Provedor da Misericórdia, estudantes, comerciantes, industriais, funcionários públicos, sacerdotes, Conferências de S. Vicente de Paulo, muitas senhoras, etc.

Organizaram-se dois únicos turnos, pegando ao caixão e às borlas diversos colegas do extinto.

A chave do caixão foi entregue ao Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Presidiu aos officios e celebrou a missa de Requiem o Rev. Augusto Borges de Sá, ladeado por diversos sacerdotes.

No préstito fúnebre incorporaram-se muitos automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida.

O nosso jornal fez-se representar pelo seu Director, que também representava os Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e Mário de Sousa Menezes.

A toda a família dorida e especialmente ao Sr. Dr. Teodoro Teixeira

Pita, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo Monteiro Borges de Araújo

No Pevidém, finou-se o Sr. Alfredo Monteiro Borges de Araújo, irmão dos Srs. Arnaldo Monteiro Borges de Araújo, abastado proprietário na freguesia de Vila Nova de Sande, deste concelho, e Dr. Cristiano Borges de Araújo, distinto Advogado-Notário, em Marco de Canavezes, aos quais, assim como à restante família dorida, apresentamos sentidas condolências.

Cornélio Gonçalves

Na sua residência, na freguesia de Santa Marinha da Costa, finou-se o Sr. Cornélio Gonçalves, que ali contava muitas simpatias. O finado era pai do nosso amigo sr. Francisco Gonçalves, conceituado industrial nesta cidade.

O seu funeral, em que se incorporaram muitas pessoas das relações do extinto e da família dorida, efectuou-se, na quarta-feira, às 19 horas, para o cemitério paroquial daquela freguesia.

A família dorida apresentamos condolências.

P.º Mário da Silveira Temudo Barbosa

Na V. O. T. de S. Domingos, desta cidade, onde se encontrava internado há tempos, devido ao seu precário estado de saúde, finou-se na sexta-feira este bondoso sacerdote que foi virtuoso pároco das freguesias de Serzedo e de S. Cipriano de Taboado. De porte exemplaríssimo, culto e grande amigo dos pobres que constantemente amparava, repartindo com eles tudo quanto tinha, o saudoso P.º Mário da Silveira era respeitado e venerado por todos aqueles que com ele conviviam ou puderam apreciar as suas raríssimas qualidades de verdadeiro e incansável Apóstolo de Cristo.

O seu funeral, feito a expensas do clero vimaranense e com muita assistência do mesmo, realizou-se ontem, às 10 horas, na capela daquela V. O. Terceira, sendo o seu cadáver trasladado para a freguesia de S. Cipriano de Taboado.

Que descanse em paz o bondoso sacerdote.

José Rebelo Moreira de Sá e Melo

Vizela, 6 — Na casa da sua residência, no Mourisco, desta vila, faleceu, com 34 anos de idade, o Sr. José Rebelo Moreira de Sá e Melo, filho do Sr. José Ribeiro Moreira de Sá e Melo e de sua esposa, Sr.^a D. Maria do Carmo Rebelo Cardoso de Menezes de Sá e Melo.

O extinto, que exerceu o cargo de guarda-livros da fabrica do Sr. Joaquim de Sousa Oliveira, era casa do com a sr.^a D. Maria Isabel Leite de Faria Sá e Melo e genro do Sr. José Leite da Costa Faria e de sua esposa, Sr.^a D. Arminda Margarida Leite da Costa Faria e irmão do Sr. Francisco Cardoso Ribeiro de Sá e Melo. O falecido, que deixou uma filha de pouca idade, era muito estimado.

O seu funeral, que constituiu uma significativa manifestação de saudade, efectuou-se, no dia 5, de manhã, para o cemitério paroquial de S. João das Caldas, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas desta vila e de outras localidades, assim como diversas corporações religiosas e civis. Na paroquial de S. João foram resados os responsos de sepultura.

Muito antes da hora marcada para o funeral já nos jardins da Casa do Mourisco se encontravam algumas centenas de pessoas de todas as classes sociais com o fim de se incorporarem no funeral. De Guimarães, Felgueiras, S. Martinho do Campo, Santo Adrião de Vizela e outras localidades, vieram inúmeras pessoas amigas da família Sá e Melo. O Grémio da Lavoura de Guimarães estava representado pelo Sr. Capitão Magalhães Couto; a Fábrica da Flor do Campo pelo seu gerente, Sr. Abílio Ferreira Oliveira; a Fábrica de Tecidos da Ponte de Negrelos pelo seu gerente, Sr. Manuel de Sousa Oliveira; a Fábrica de Tecidos Moreirense pelo seu gerente, Sr. Isaac Ferreira Guimarães; a Fábrica Brito & Gomes, pelo seu gerente, Sr. Flávio Faria; pela Fábrica de Tecidos Vizelense e em representação do seu gerente, o Sr. Miguel Luis de Almeida; a Fábrica da Cuca pelo seu gerente, Sr. Alfredo Pereira; a Fábrica Têxtil de Sedas de Vizela pelo seu proprietário, Sr. Joaquim de Sousa Oliveira; a Fábrica Têxtil das Azenhas Novas pelo seu gerente, Sr. António da Costa Carneiro; a Fábrica de Fiação de Santo Amaro pelo seu gerente, Sr. Vital Marques Rodrigues; a Fábrica de Tecidos da Cruz da Pedra pelo seu gerente, Sr. António Simões e a corporação dos Bombeiros Voluntários de Vizela pelo seu comandante, Sr. Tenente Caldas.

No préstito também tomou parte o Sr. Coronel Mário de Vasconcelos Cardoso, comandante do Regimento de Infantaria n.º 8. Dirigiu o funeral o Sr. Flávio Faria, amigo da família dorida, conduzindo a chave da urna o Sr. Dr. Alfredo Pinto, Director da Companhia dos Banhos. Foram organizados vários turnos e presidiu o pároco de S. João das Caldas, Rev. João Gonçalves. O cadáver ficou inhumado no jazigo do Sr. Dr. Alfredo Pinto. A Confraria do Senhor Bom Jesus de Barrosas, fez-se representar no funeral pelo

Sr. Alfredo Machado, da Casa da Biéla, daquela povoação.

N. R. — A toda a família dorida e dum modo especial ao nosso bom amigo Sr. José Ribeiro Moreira de Sá e Melo, apresentamos sentidas pesames.

Manuel da Costa

Vizela, 6 — Finou-se hoje, de manhã, nesta vila, o Sr. Manuel da Costa, de 76 anos, viuvo, pai da Sr.^a D. Aurora da Costa Alves e do Sr. Manuel Fernandes da Costa, e sogro do Sr. Miguel Augusto Alves Teixeira, estimado proprietário do Casino Peninsular.

Os nossos pésames.

N. R. — Ao nosso prezado amigo Sr. Miguel Augusto Alves Teixeira, endereçamos o nosso cartão de sentidas condolências.

De luto

Pelo falecimento de sua avó, encontra-se de luto o nosso estimado conterrâneo e amigo Sr. Dr. António Baptista Felgueiras, Presidente da Câmara Municipal de Monção. As nossas condolências.

Pelo falecimento de sua mãe, ocorrido em Vila Real, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. José Maria Nunes, estimado tesoureiro da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta cidade, a quem, assim como à demais família dorida, apresentamos condolências.

Para o seu afilhado, compre V. Ex.^a um enxoval na CASA LARANGEIRO.

A Perfumaria Francesa «Marlice» apresenta os perfumes SÓLIDOS, que tanto sucesso têm obtido. Encontra-se V. Ex.^a na CASA LARANGEIRO.

Diversas Noticias

Banda dos Guises

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães (Guises), deslocou-se hoje a Chaves a fim de abrilhantar com um escolhido repertório, naquela cidade transmontana, as Festas da Corporação dos Voluntários Flavienses.

Dizem nos que a nossa Banda vai ter uma brilhante recepção promovida por parte das pessoas mais gradadas daquela cidade. Folgamos em dar esta notícia e desejamos que a Banda dos nossos briosos Voluntários eleve bem alto o nome da cidade.

Pela Instrução

Na próxima época de exames podem ser admitidos às provas de duas disciplinas os alunos dos 1.º e 2.º ciclos.

Igualmente o podem fazer os examinandos de admissão aos Liceus que reprovaram na época de Julho, faltaram ou não requereram.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está o serviço permanentemente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.

Desastre numas obras

Quando o operário Manuel Lopes, casado, de 25 anos e o mestre de obras António Joaquim Antunes, casado, de 37 anos ambos desta cidade, trabalhavam na construção de um novo Posto para a venda de peixe, na Praça do Mercado, caíram da altura de 12 metros, sofrendo o Lopes algumas contusões pelo corpo e o Antunes graves ferimentos na cabeça. Foram ambos conduzidos numa ambulância dos Bombeiros ao Hospital da Misericórdia, onde ficaram internados.

Escola Industrial e Comercial

De 24 do corrente a 6 de Outubro, estará aberto concurso de mestres provisórios de gratias, na Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda».

Na Secretaria daquela estabelecimento prestam-se esclarecimentos a todas as pessoas interessadas.

Finanças

Pagamento das contribuições em 4 prestações. — Uma vez requerido não há obrigação de renovar o pedido nos anos seguintes e, assim, os que o requereram no ano findo não necessitam de o fazer novamente.

Em peugas encontra V. Ex.^a um grande sortido na Casa Larangeiro. Visite as suas montas.

Vida Católica

Missa em acção de graças — A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, para significar o seu profundo reconhecimento a todos os que concorreram com suas esmolas para a impenção e esplendor da sua festa, manda celebrar no sábado, dia 14 do corrente, às 8 e meia, uma Missa no altar da sua Padroeira, na Colegiada, em acção de graças e pelas intenções de todos e cada um dos que tão generosamente contribuíram para a solenidade referida.

Missa estatutária — As Irmandades de N. S.ª da Penha de França, erecta na igreja de S. Dâmaso, Senhora da Misericórdia e Senhora da

TEATRO JORDÃO

HOJE
às 15 e às 21 e meia horas

UMA COMÉDIA IRRESISTÍVEL

Quarta-feira, 11, às 21 e meia horas:

O SENHOR DE LOURDINES

com GERMAINE DERMOZ e RAIMOND ROULEAU.
Uma das mais notáveis realizações do cinema francês.

Sexta-feira, 13, às 21 e meia horas:

UM DRAMA QUE PRENDE E EMOCIONA

Colégio de D. Nuno

— Para o Sexo Masculino —

PRAÇA DO ALMADA
TELEFONE, 106

PÓVOA DE VARZIM

No local mais central da vila, perto do Liceu, e da Escola Comercial, com amplos recreios e campos de jogos.

ENSINO RELIGIOSO

Telegramas: AMORAS
PORTO • LISBOA

A. J. GONÇALVES DE MORAES, L. DA

Casa Fundada em 1894

DESPACHOS, BARCAGENS, TRANSITOS
e AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Sede: R. da Nova Alfândega, 18 — PORTO

LEIXÕES LISBOA

Filiais: R. CARVALHO ARAÚJO, 66
Telef. 12 MATOSINHOS **R. S. PAULO, 25-1.º**
Telef. 29542 e 24080

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA
(REGISTADA)

Largo do Tournal, 70 a 73

Telefone N.º 4306 — **GUIMARÃES**

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Botaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS.

Livros & Jornais

«Gil Vicente»

Recebemos mais um fascículo desta publicação, cujo sumário é o seguinte: Francisco Teixeira de Queirós, «António Feijó e os seus amigos»; Bento Piedade, erectas na antiga igreja de S. Domingos, mandam celebrar as suas missas estatutárias, em honra das suas Pa-troeiros, no próximo dia 8, às 8 e 11 horas, respectivamente, na referida igreja e igreja da Misericórdia, servindo de paroquial.

Também a Irmandade das Almas, erecta na Basílica de S. Pedro, manda celebrar no próximo dia 10, às 8 e meia horas, a missa estatutária, acompanhada a órgão, em honra de um dos seus Padroeiros, S. Nicolau Tolentino.

Caldas, «Em Louvor do IV Centenário de Ponta Delgada»; A. Saraiva de Carvalho, «A alma amorosa de Catulo»; João Lopes de Faria, «Velhas Vimaraneses — 1840».

Ilustrações: Ponte do Lima — Solar Conde d'Aurora (aguarda de Malteira); Ponte do Lima — Portal da casa do Outeiro (aguarda de Malteira).

DOS LIVROS & DOS AUTORES — Ivor Brown, «I Give You my word»; Hipólito Roposo, «Folhas do meu cadastro»; Manuel de Bettencourt e Galvão, «O Duque de Bragança»; Padre Moreira das Neves, «O Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa»; Fernando Campos, «No Saguão do Liberalismo»; Lopes d'Oliveira, «...E mesmo contra a maré!»; Camilo Castelo Branco, «Perfil do Marquês de Pombal»; Erling Bache, «Homens brancos nos Trópicos»; José Trêpa, «Eça de Queirós»; J. K. Chesterton, «S. Tomás de Aquino»; Conde da Eira, «História de Portugal Restaurado»; «Registo de obras recebidas».

O Pintor Abel Cardoso

(Conclusão)

pintor regionalista e um poeta, apesar do seu vigor, da sua vida forte e saudável.

A conversa com Abel Cardoso decorreu na sala n.º 3 da Escola de Afonso Domingues, sala onde o pintor João Vaz teve o seu atelier durante o tempo em que ali foi director. Começámos pela indagação das memórias do Artista, de quando estudante na Academia Portuense de Belas-Artes, e ele diz-nos:

— Nesse tempo o ensino das Artes era bem mais restrito do que hoje, tanto pela matéria do curso como ainda pelos processos de ensinar. Recordo, por exemplo, um dia em que, acabado de chegar de Paris, entrou na aula do modelo vivo o Júlio Ramos e começou a contar como se trabalhava na Escola francesa: «O modelo ali de chapa, inerte, sempre à altura dos olhos? Não. Posto num alto estrado e os alunos em volta, alcandorados em varandins, donde surpreendiam os mais imprevistos escorços». Entreolhámo-nos entusiasmados e corremos a casa em busca de caixotes, sobre os quais empoleirámos o modelo; e toca a desenhar, uns tantos a cada canto, surpresos pelo novo aspecto tonado, para nós, pelo corpo humano. Entretanto, entrou na aula o professor, Marques de Oliveira, que, barafustando, mandou arrumar o improvisado estrado e repor o modelo na posição ordenada por ele. Calculará como tudo isto foi para nós uma triste desilusão...

— Qual era, nesse tempo, o ambiente em que viviam os estudantes de Belas-Artes?

— Apenas um número reduzidíssimo de nomes — três ou quatro — apareciam a expor publicamente. Aos rapazes não era dado nem sequer pensar em fazê-lo — bem ao inverso do que hoje se observa e eu acho muito bem. Os consagrados fechavam aos nossos olhos os segredos da sua arte, como se de coisa roubável se tratasse. Para se ser considerado artista mesmo, era indispensável conseguir um estágio em Paris, sem o qual ninguém nos ligaria nunca grande atenção. Em face disso, o afã do estudante era lutar pela conquista dum «bolsa de estudos». Isto quanto aos pobres porque os outros iam mesmo por sua conta.

— Conseguiu, também, ir a Paris?

— Sim; e muito novo. Estive lá dois anos, que me foram bem proveitosos. Era minha intenção permanecer ali mais tempo a amadurecer melhor a capacidade de pintor; mas, em certa altura, a pessoa que me ajudava cortou-me o subsídio e não tive remédio senão voltar à minha terra para ganhar a vida.

— Pintou muito em França?

— Não; dediquei-me mais a estudar. Alguns dos meus contemporâneos fugiam de Paris e iam pintar as paisagens e costumes da Bretanha e outras províncias; eu, porém, entendia que, só para isso, não valia a pena ter deixado a minha terra, que tem paisagens tão belas como as da França. Preferia ficar na Academia Julien a receber as lições de Paul Laurens e Benjamin Constant, ou de Gérôme, na Escola Nacional de Belas-Artes. Depois do meu regresso, desloquei-me até ao Brasil; mas não me demorei lá porque imperiosos deveres de família me forçaram a voltar.

— Ficou depois sempre em Portugal?

— Comecei a trabalhar no Ensino Técnico e, no tempo de folga, a pintar o meu Minho — as suas típicas aldeias, o seu litoral, os seus costumes. Em certa altura expus na Miscelânea do Porto mais de uma centena de quadros, e tive a sorte, rara entre nós, de vendê-los todos.

— Parece ter devotado muito o seu interesse aos temas paisagísticos — comentámos.

— De facto, assim é. Ante a riqueza policroma da vegetação, dou melhor conteúdo à minha ambição de pintor. O retrato, a interpretação da figura humana forçaram-me a mais desagradáveis subordinações.

— Depois da Escola, continuou a estudar o modelo?

— Raramente. Na Escola estudava-se, apenas, o modelo-humano; e a mulher nua não entrava nas aulas. E, mesmo assim, ainda se murmurava cá fora contra o facto de se trabalhar dentro daquela casa diante dum pessoa desvestida... O simbolismo da honestidade andava, como ainda anda, bastante fora dos eixos. Lembrou-me de um dia em que alguns artistas se aventuraram a levar para uma sala reservada uma mulher que lhes permitisse estudarem a forma da plástica feminina; apesar de terem feito tudo com a maior discrição, a coisa subverteu-se cá fora e ia sendo o fim do mundo com o povoletu a querer apedrejar a escola, em sinal de protesto contra tal «desvergonha». Hoje, felizmente, essas coisas já vão ficando mais no seu lugar...

— Forçámo-nos a dar fim à conversa, que ia ultrapassando as limitações do espaço. Respondendo a uma última pergunta, disse-nos ainda o nosso entrevistado, que era, neste momento, também um estimado colega de trabalho:

— A carreira de professor, ingrata como vê, tem-me absorvido quase totalmente o tempo que desejaria ter gasto a pintar, livremente, a Natureza; mas a vida quase nunca caminha à feição dos nossos desejos. No entanto, agora, chegado ao limite do limite do trabalho obrigatório, espero realizar ainda muita coisa. Não me falta para isso força de vontade.

De facto, Abel Cardoso, apesar dos seus quase setenta anos, tem o aspecto fresco, saudável — como disse o seu amigo Raúl Brandão — de quem possui ainda muitas energias para queimar na existência. As suas barbas e cabelos brancos dão-lhe um ar de austeridade e não de velhice. — A. M.

Para a COROA de NOSSA SENHORA DA PENHA

Registraram-se mais os seguintes doativos:

D. Adelina dos Santos, 10\$00; D. Maria de Lourdes Guise, 10\$00; D. Belém Baptista, um brinco em ouro e 2\$50; Deolinda da Silva, 5\$00; D. Maria de Jesna Ribeiro da Silva, 100\$00; D. Maria do Carmo P. da Cunha, 20\$00; Anónima, 50\$00; D. Laurinda Idalina S. Flores, uma aliança em ouro; Clara (Rua Nova), objectos em ouro; D. Gracia Fernandes da S. Melo, um par de brincoos e 60\$00; António Ferreira de Melo, duas alianças e 50\$00; D. Adelaide Baptista, 7\$50; D. Marília Passos de Oliveira, 50\$00; Eduardo Torcato Ribeiro, 20\$00; D. Beatriz Meira Ramos, 20\$00; Maria Novas, 5\$00; Ermelinda de Oliveira, 20\$00; Joaquim da Cunha, 200\$00; D. Joaquina Fernandes, 20\$00; D. Maria Albertina A. Barbosa, 50\$00; Firma Fernandes Vaz Limitada, 20\$00; D. Maria da Conceição Eugénio, 5\$00; Dr. Carlos Saravia, 30\$00; António Emilio Ribeiro, 15\$00; José António de Oliveira, 20\$00; Manuel Fernandes de Castro, 2\$50; Braga & Carvalho, uma aliança; João Ferreira das Neves, 20\$00; Aníbal Dias, 20\$00; D. António T. Mendes, 50\$00; P.º Luís Gonzaga da Fonseca, 20\$00; D. Eulália Marques, 40\$00; Sebastião Meudes, 50\$00; Manuel Alves Machado, 20\$00; Alberto Cunha, 20\$00; D. Rosa de Jesus Ribeiro, 20\$; Anónimas, 30\$00; D. Maria do Cén Matos Chaves Gonçalves, 20\$00; Rev. Pároco da Costa, 50\$00; D. Maria de Belém T. de Carvalho, 30\$00; D. Narcisca Pereira de M. e Conto e irmãs, 150\$00; D. Alcinda Ferreira Martins, 15\$00; Farmácia Barbosa, 5\$00; Henrique Gomes, 5\$00; Mannel da Cunha Machado, 20\$00; Joaquina Pereira de Carvalho, 20\$00; D. Lina Fernandes, 25\$00; D. Maria do Cén Teixeira, 50\$00; D. Maria Ludovina Ferreira, 20\$00; José da Costa Carneiro, 20\$; Lima, David & C.º, 20\$00; Oliveira & Silva, 20\$00; D. Ludovina Rosa da Silva, 20\$00; D. Julieta Pinheiro, 30\$; Anónima, pelas melhores das irmãs, 20\$00; D. Ana André, 50\$00; D. Ema Fernandes Rocha dos Santos, 100\$00; Anónimo, 100\$00; Rev. Pároco de S. Romão, 50\$00; D. Laura Laurentina, por intermédio do «Comércio de Guimarães», 20\$00; D. Marinha dos S. Ramos Camião, um par de brincoos; José Continho, 10\$00; D. Clementina Acedo Geraldo, 10\$00; Develciano de Paula Ferreira da Costa (Li boa), 20\$00; D. Isaura Martins, 2\$50; Amadeu Carvalho, 5\$00; Domingos de Sousa Vinagreiro, 10\$00; D. Jerónima de Andrade, 50\$00; Anónimo, 5\$00; José Pinheiro Guimarães, 50\$00; Joaquim de Azevedo, 10\$00; D. Maria Ernestina Martins, 10\$00; Afonso Maria F. de Carvalho, 20\$00; Dr. Francisco Fernandes, 10\$00; Anónimas, 15\$50; D. Rosa Félix, 5\$00; Maria de Jesus, 5\$; Anónimas, 8\$00; Rosa Teixeira, 5\$00; António da Silva Reis, 40\$00; Maria das Dores Carvalho, 5\$00; Maria Ribeiro, 5\$00; D. Alice Teixeira Seta, 100\$00; Freguesia de Taboado, um anel e 9\$00; Joaquim da Silva Xavier e Esposa, 100\$00; Rev. Pároco de Infantas, 50\$00; Anónimo, 100\$00; Carlos Gonçalves da Silva, 50\$00; um grupo de Senhoras do Pevidém, 500\$; Rosa Continho, 10\$00; D. Maria Isabel Cardoso de Macedo, uma aliança; D. Maria da C. Martins F. Pinheiro, 2\$00; D. Laninda Ramos Fernandes, 100\$00; Freguesia de Douim, 30\$; D. Maria Antónia M. Prego Cunha Silva, 50\$00; D. Emilia Matius Sequeira Braga, 30\$00; Amélia dos Anjos, 10\$00; Torcato Mendes Simões, 20\$00; Francisco Inácio da Cunha Guimarães, 50\$00; Anónima, 2\$00; Luís Ferreira da Carvalho, 200\$00; Domingos Alves Ferreira, 60\$00; António A. Ribeiro de Abren, 20\$00; M. Oliveira Pacheco, 2\$50; D. Margarida Azeuha, 50\$00; Joaquim Ferreira, 3 objectos de ouro e 15\$00; José Maria de Almeida, 20\$00; Júlio Gonçalves, 5\$00; D. Maria Isabel de Oliveira Carvalho, 100\$00; Coronel Ribeiro Vilas, 5\$00; D. Adelaide Saavedra, 20\$00; D. Maria das Dores Saavedra Teixeira, 20\$00; António de Oliveira, 100\$00; D. Rosa Marinho, 20\$00; Rosa de Sousa, 2\$50; D. Piedade Antunes, 10\$00; Maria da Conceição Antunes, 3\$00; D. Irene Gomes Guimarães, 50\$00; D. Izabel Campos de Freitas, 50\$00; Anónima, 10\$00; D. Zilda Leite C. Campos, 2\$00; D. Maria de Belém Branco, 10\$00; Adriano de Castro e Esposa (Pevidém), 50\$00; Freguesia de S. Faustino de Vizela, 2 aneis de ouro e 31\$00; Freguesia de Silveiras, 65\$00; P.º António Ribeiro, 40\$00; D. Maria Almeida Gonçalves, 10\$00; Manuel Joaquim Dias, 20\$00; M. Freitas, 20\$00; Anónimo, 20\$00; D. Maria do Cén Silva, 5\$00; Almeida & Neves, 20\$00; Eduardo Pereira, 10\$00; Francisco de Matos Chaves, 20\$00; Anónima, 20\$00; D. Otelinda Fernandes de Castro, 50\$00; D. Maria Malalena Moreira, 30\$00; Francisco da Silva Quintas, 5\$00; D. Maria Santiago, 100\$00; João da Silva (Creixomil), 20\$00; O. M. das Dores Gonçalves Cardoso e Esposa, 20\$.

VENDE-SE

AUTO-CLAVE para 100 maços de algodão. Prestam-se esclarecimentos nesta Redacção. 256

A Casa Larangeiro é uma Casa pequena, mas com um grande sortido. VEJA AS SUAS MONTRAS 244

Convocação Conselho Municipal

Nos termos do art. 29.º e § 3.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal a reunir na Sala das Sessões da Câmara Municipal, no dia 13 do próximo mês de Setembro, pelas 15 horas.

Paços do Concelho de Guimarães, 29 de Agosto de 1946.

O Presidente da Câmara, Fernando Manuel de Castro Gonçalves.

Agradecimento

A todas as pessoas que, por qualquer motivo, não receberam os nossos agradecimentos pelas suas demonstrações de pesar pelo falecimento da nossa saudosa Filha e Irmã, Maria Vitória, vimos, por este meio, reparar essa falta, testemunhando-lhes a nossa muita gratidão.

Guimarães, 5-IX-1946.

Maria da Natividade Simões e Silva Meneses Mário de Sousa Meneses e Filhos.

A pintura na Mulher dá-lhe uma certa beleza. Compre V. Ex.º um baton marlice na CASA LARANGEIRO. O baton fixo e persistente.

A Casa Larangeiro continua a receber novos padrões de gravatas. Visite as suas montras. 229

A "A Previdência Portuguesa"

COIMBRA

Ao ser-me entregue um cheque para pagamento do subsídio de Esc. 10.000\$00, que me competiu por falecimento de minha mãe, Maria Fernandes, como associada n.º 5.480 de «A Previdência Portuguesa», venho publicamente manifestar o meu reconhecimento à referida Associação de Socorros Mútuos, pela seriedade e maneira correcta, rápida e honesta com que liquidou o legado já citado.

E' pois por considerar justo e absolutamente merecido que torno público este agradecimento.

Guimarães, 4 de Setembro de 1946.

João Francisco da Silva.

Dr. Alfredo Bravo MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Praça D. Afonso Henriques, 6 GUIMARÃES TELEFONE, 4289

Durante o mês de Setembro, consultas às segundas, quartas e sábados. 237

Transformador de 60 a 100 KW. PRECISA Eléctrica de Lordelo — Guimarães. 226

Galdeira usada—Vende-se

De construção alemã para 35 m² de aquecimento do ano de 1923. Para ver e tratar na Fábrica de Curtumes de Roldes, Limitada — Guimarães — Caneiros. 244

Jordão, Freitas & Companhia, Lt. da

Faz se público que por escritura de 31 de Agosto de 1946, lavrada pelo notário da Secretaria Notarial de Guimarães, Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, Fernando Lage Jordão; Fernando Guilherme Guimarães Aires de Azevedo; Pedro Nunes de Freitas; Francisco Lage Jordão; Eduardo Lage Jordão e Dona Rosa Cândida Martins Ferreira Gonçalves Guimarães de Freitas, todos desta cidade, constituíram uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Jordão, Freitas & Companhia, Limitada, durará por tempo ilimitado, tem a sua sede em Guimarães e o seu objecto é o comércio e exportação de tecidos e qualquer outro ramo que resolva explorar.

2.º

O capital é a quantia de 400.000\$00, dividido em seis quotas, pertencendo uma de 40.000\$00 ao sócio Fernando Lage Jordão; outra de 100.000\$00 ao sócio Azevedo; outra de 100.000\$00 ao sócio Pedro Nunes; outra de 30.000\$00 ao sócio Francisco; outra de 30.000\$00 ao sócio Eduardo; e outra de 100.000\$00 à sócia Dona Rosa; todas integralmente realizadas em dinheiro, excepto a do sócio Pedro Nunes que somente está realizada em 10.000\$00 e acabará de ser com a percentagem dos lucros que lhe couberem que for fixado pela assembleia geral ou com outras entregas.

3.º

O capital só poderá ser aumentado por deliberação tomada por unanimidade.

4.º

Os sócios poderão fazer suprimentos à caixa social, nas condições que a assembleia geral entender.

5.º

Não é permitida a cessão de quotas a estranhos. O sócio que quiser afastar-se da sociedade avisará esta com um mês de antecedência e receberá o valor justo que por um balanço dado para esse fim e válido somente com a sua assinatura se apurar pertencer lhe, valor que lhe será pago em 4 pres-

tações iguais e trimestrais, acrescidas do juro do Banco de Portugal.

§ único.

No caso de desacordo sobre o valor, por parte do sócio que pretende afastar-se da sociedade, a valorização far-se-á por árbitros ou pelos meios judiciais.

6.º

A sociedade poderá deliberar amortizar a quota nos seguintes casos; a) quando for arretada, penhorada ou obrigada; b) quando for cedida a estranhos sem consentimento da sociedade; c) no caso de falência, insolvência ou interdição por prodigalidade de qualquer sócio.

7.º

A amortização considera-se efectuada pelo depósito na Caixa Geral de Depósitos da quantia que segundo o último balanço corresponder à quota amortizada e respectiva parte nos fundos existentes.

8.º

Todos os sócios são gerentes e mesmo os que não estejam no exercício da gerência, podem sempre que o desejem ver toda a escrita.

9.º

Para que a sociedade fique obrigada, é porém necessária, além da firma, a assinatura individual do sócio Fernando Lage Jordão e no seu impedimento a do sócio Azevedo, ou então as da maioria dos sócios.

10.º

A caixa fica a cargo do gerente Fernando Lage Jordão; a parte comercial a cargo do gerente Pedro, os quais serão remunerados conforme a assembleia geral deliberar.

11.º

As assembleias gerais serão convocadas por carta registada com aviso de recepção e com oito dias de antecedência.

12.º

Os anos sociais serão os civis; anualmente se darão balanços e mensalmente balançetes.

Guimarães, 31 de Agosto de 1946.

O Ajudante da Secretaria, Martinho da Silva.



HUSQVARNA

HÁ MAIS DE 150 ANOS esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tecnicamente perfeita, a máquina de costura «HUSQVARNA» é inteiramente construída com os afamados aços suecos.

COSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

«HUSQVARNA» tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

Agentes no Concelho: Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L. da

A melhor pomada para calçado

O K

BOOT POLISH

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças

BARCAGENS e Despachos

AGENTES DE NAVEGAÇÃO



Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 78 e 57

CORREIO Apartado 12

Aos Srs. Caçadores

Façam os seus sortidos na casa

LEITE & LEITE,

no Largo do Toural, 67, junto à Casa Gomes Alves, e lá encontraréis as melhores pólvoras nacionais e estrangeiras, assim como os afamados tiros carregados da acreditada Casa BARRAL.